E16

ANO II NUM. 15

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

OUTUBRO — 1941

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22-11-28
BIBLIOTECA

EDUCADOR

De KERSCHENSTEINER

... Podemos dizer que cada homem é educador de outros, seja para o bem ou para o mal. Nenhuma existência transcorre por completo sem causar influência sôbre o meio que a cerca e a posteridade. Nosso ser e nossos próprios atos são, por isso, consequência da relação do passado e do presente, da mesma forma que é uma causa de existência e atos de nossos sucessores. Na corrente viva da existência humana está arraigada fortemente a vida extinta dos "anônimos" como a dos imortais, com a única diferença de que nos primeiros a influência é exclusivamente imediata, isto é, determinada por contactos diretos de homem a homem, sendo sempre incompreensível, enquanto nos últimos a mesma influência imediata se associa à distância das obras em que sua obra se encarnou, que esta influência imediata da existência passada aparece quase sempre, com maior força depois da morte do creador do que imediatamente depois da vida efetiva.

Neste sentido, alcançamos já o sentido geral da vida do educador: é homem que, voluntária ou involuntàriamente, influe na vida espiritual de seu semelhante, elevando-o a um estado mais perfeito.

EDUCANDO

Sob os auspícios da ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMARIOS DE M. GERAIS

ANO II | OUTUBRO | NUM. 15

EXPEDIENTE

Direção e Redação

Marieta Leite

Gerência:

Leonilda Montandon
Zembla Pinheiro Chagas

Colaboradores diversos

Revista de orientação técnico-pedagógica

Assinatura - - - - - 24$000
Assinatura especial para sócios da Associação - - - - 18$000
Número avulso - - - 2$500

Redação:
Rua Rio de Janeiro, 1278
Tel. 2-7993 - Belo Horizonte

SUMA'RIO

EDUCADOR — Kerschensteiner 241

O AUTOR DO 4.º EVANGELHO — Maria Luiza Almeida Cunha 243

BANDEIRA DESEJADA — Dulce Botelho Junqueira 246

PARA AS ESCOLAS INFANTIS — *Atividades Cívicas e sociais* — Mariana Carlota Mata Eulálio 248

HORÁRIOS ESCOLARES — Leonilda Montandon 251

SÔBRE LITERATURA INFANTIL E SEU CONTRÔLE — Marieta Leite 255

COMO DOIS MENINOS DA ANTIGA RESSACA FABRICAVAM SANGUE — Henrique Marques Lisbôa 261

AS CANTINAS ESCOLARES DE JUIZ DE FÓRA — — Salvador Pires Pontes 264

O USO DOS MAPAS — Maria Inácia de Queiroz Miranda 266

A EXPERIMENTAÇÃO PSICOLÓGICA COMO MEIO DE ENSINAR AS CRIANÇAS A SE CONHECEREM A SI MESMAS — *Claraparéde* — Tradução de Maria de Lourdes Horta 269

PARA O ENSINO DAS CIENCIAS NATURAIS — MONOGRAFIAS 274

UMA HISTÓRIA PARA TODOS — DAVID E O GIGANTE GOLIAS — Marieta Leite 275

O ABÔIO (Poesia) — Da Costa e Silva 278

A LENDA DO CRUZEIRO (Poesia) — Fontoura Xavier 279

A BIBLIOTECA INFANTIL "CAIO MARTINS", DO MINAS TENIS CLUBE 280

COMO MEDIR O TRABALHO INICIAL NO ENSINO DA GEOGRAFIA 281

ÁRVORE VELHA (*Poesia*) — Vinicius Meyer 283

CONCURSO PERMANENTE DE EDUCANDO 284

IMPRESSA NA

GRAFICA QUEIROZ BREYNER LTDA.
AVENIDA AFONSO PENA, 351 — BELO HORIZONTE

O AUTOR DO 4º EVANGELHO

Maria Luisa Almeida CUNHA

Os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos e a tradição nos fornecem bastantes detalhes biográficos de São João. O seu nome significa: "Jeovah encheu de graça".

Era filho de Zebedeu e de Salomé.

O pai era pescador no lago de Galiléia e João também exerceu esta profissão durante algum tempo.

A mãe fazia parte do grupo das piedosas galiléias que se dedicaram ao serviço de Nosso Senhor.

João foi primeiro discípulo do Precursor, junto de quem estava quando viu Jesus pela primeira vez.

Os sinópticos nos contam a sua vocação definitiva e depois sua eleição à prerrogativa de apóstolo.

João foi com Pedro e Tiago testemunha de vários milagres importantes de Jesus e de sua agonia no Getssemain.

A título de apóstolo predileto ocupou um lugar privilegiado durante a última ceia.

Por causa de seu temperamento ardente, recebeu do divino Mestre juntamente com seu irmão (Tiago) o apelido de "Filho do trovão".

Tanto nos "Atos dos Apóstolos" como no Evangelho vêmo-lO frequentemente, associado a S. Pedro.

S. João esteve presente ao Concílio de Jerusalém.

Ignora-se a data precisa em que deixou a capital judaica para evangelizar os pagãos.

A tradição refere que foi para a Asia Menor, esteve em Efeso, onde viveu muitos anos.

Santo Irineu, discípulo de São Policarpo, que por sua vez o foi do "apóstolo preferido", faz alusões frequentes ao ministério de São João nesta localidade.

O historiador Eusébio e outros narram que S. João foi exilado por Domiciano, na ilha de Pátmos, depois de lhe ser inflingido o suplício do óleo fervente, junto à porta Latina.

Saiu ilêso e veiu a falecer por volta do ano 100 da nossa era, ao tempo do imperador Trajano.

Plano do 4.º Evangelho

E' simples e luminosa a organização do 4.º evangelho.

As diferentes cenas da vida de Jesus, que o autor coloca sob nossos olhos não são apenas *selecionadas* com cuidado; são também *dispostas* criteriosamente, conduzindo pouco a pouco o leitor à conclusão expressa por S. Tomé "Meu Senhor e meu Deus".

Vemos de uma parte a fé e a dedicação dos discípulos e amigos de Jesus se desenvolverem gradativamente enquanto de outra borborinha, fermenta e se exalta a incredulidade e o ódio dos fariseus.

Esta antítese não tarda em produzir um conflito, de que o escritor sagrado focaliza sucessivamente as

principais etapas, até o desfecho sangrento do drama no Calvário e finalmente a ressurreição gloriosa de Jesus.

A *autencidade* do 4.º evangelho tem sido atacada com violência nos tempos modernos.

Entretanto são claríssimos os depoimentos de antigos escritores sôbre êste ponto.

Na antiguidade os herejes denominados "Alogos" por Santo Epifânio é que negaram que o 4.º Evangelho fosse obra de João Evangelista. Davam como prova de sua negativa um motivo prèconcebido — Êstes herejes não queriam admitir nem a 2.ª pessoa, (Logos) nem a 3.ª da S.S. Trindade e por isso *declararam* apócrifos todos os livros do Novo Testamento onde são mencionados, notadamente, o 4.º Evangelho e o Apocalípse.

Esta heresia foi reavivada no século XVIII pela escola crítica.

Segundo os racionalistas o 4.º Evangelho só foi composto no 2.º *século;* negam-lhe o valor testemunhal dos argumentos — insinuando que o entusiasmo de João é que *divinizou* a humanidade de Jesus.

Quanto à época da composição — múltiplos testemunhos que se sucedem frequentes e remontando até o 1.º século poem fora de dúvida que a obra que estudamos é realmente de S. João.

Além disso o próprio conteúdo do livro nos leva à conclusão de que o autor do 4.º Evangelho era judeu originário da Palestina, que presenciou a maior parte dos acontecimentos consignados em sua narrativa; que pertencia ao colégio apostólico e não pode ser outro senão o filho de Zebedeu.

Caráter — E' muito repetido já que o "apóstolo preferido" nos deixou um "evangelho espiritual". — Neste sentido que os sinópticos referem sobretudo os traços exteriores da vida de Jesus, e narram suas relações com os homens, enquanto João nos faz ler mais a sua vida *interior*, na alma do Verbo incarnado, e expõe suas relações com o Pai eterno!

Eis porque as páginas de S. João conteem mais discursos do que acontecimentos e êstes mesmos, assim como seus protagonistas, nos surgem com algo de mais alevantado.

Quanto aos discursos são geralmente *morais* nos sinópticos e de ordinário *dogmáticos* em S. João — por isto muitas vezes S. João é chamado o "evangelista do Filho de Deus".

Mas tanto por um prisma como por outro é bem o mesmo Cristo, a mesma doutrina que nos apresentam.

São João escreveu em grego, mas dizem os entendidos que a sua construção é hebraica. Pensava no idioma natal e traduzia para o grego.

Escreveu para atender ao pedido incessante dos fiéis da Ásia Menor e o seu objetivo foi excitar a fé em Jesus, o Cristo, Filho de Deus, afim de alcançarmos por Êle a vida eterna.

Evidentemente os outros evangelistas visaram fins análogos porém São João o faz de maneira mais incisiva e concludente.

A par dêste objetivo primordial S. João visou também completar os sinópticos, intenção aliás muito natural pois que escreveu vários anos

depois dos precedentes.

Quis também certamente refutar os erros dos gnósticos e èbionitas que minavam a pureza da doutrina cristã; fê-lo entretanto de modo geral.

O ministério de São João na Asia foi tão prolongado e fecundo que dêle permaneceram recordações abundantes.

Contam que S. João, ao voltar de Patmo para Efeso converteu um jovem muito bem dotado e o entregou ao bispo para completar sua instrução religiosa e receber o batismo.

Entretanto, pouco depois más companhias perverteram o rapaz, que se tornou *chefe* de uma quadrilha de malfeitores terríveis.

Muito tempo depois voltou São João a Efeso — e logo indagou do rapaz. — Sabendo do ocorrido o santo ancião foi ao covil dos bandidos. Ao reconhecer S. João o chefe envergonhado quis fugir.

São João lhe disse então:

"Filho, porque foges de mim? Sou velho e não trago armas! Não temas. — Vem — Há ainda para ti esperança de salvação. Se preciso for, morrerei por ti como Jesus o fez por todos nós. Vem!"

As súplicas do ancião comoveram o bandido, que se tornou penitente!

São João beijou-lhe as mãos em testemunho de que acreditava no seu arrependimento perfeito... e o reconduziu para a assembléia dos fieis — e, acrescentam ainda as crônicas, que S. João lhe assegurou a perseverança jejuando frequentemente por sua intenção.

Êste episódio bem mostra o ardor da *caridade* que jamais se arrefeceu no apóstolo preferido.

São Jerônimo conta que o apóstolo, já velhinho, sem poder mais andar, se fazia transportar para a Igreja e aí, já incapaz de longos discursos, dizia apenas: "Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros".

Os discípulos, cansados de ouvir sempre as mesmas palavras, perguntaram ao Mestre porque repetia sempre a mesma cousa.

O venerando apóstolo respondeu: — "E' o preceito do Senhor! — observai-o e basta".

Coração feliz! Nem o frio da senilidade o conseguiu entorpecer.

Uma lição é uma colaboração, um trabalho em comum, um entendimento recíproco, uma cooperação de inteligências.

FRANCISCO CAMPOS

BANDEIRA DESEJADA

Dulce Botelho JUNQUEIRA

ALMOÇÁVAMOS muito alegremente, festejando um aniversário. Veio a mim a copeira com uma carta:

— O portador voltará logo mais para a resposta.

Podia ser urgente, por isso, alí mesmo á mesa, eu a abri procurando a assinatura. D. Maria de Paula... quem será ? Traz a data de "Caminho da Serra!"... Agora sei... D. Maria de Paula é a professora da escolinha de um arraial perdido ao meio do morro chamado Pão de Angú.

E leio a carta. Escoimada dos erros de linguagem, ela rezava:

"Snra. Inspetora, envio-vos cumprimentos respeitosos e comunico-vos que vamos comemorar o dia da Pátria .As crianças fizeram uniforme pelo vosso modêlo e ensaiámos o Hino Nacional. Ficaremos muito satisfeitos se nos derdes a honra de vossa presença, mas compreendemos que não possais vir por causa da distância e dificuldade da viagem. E o fim desta é pedir-vos uma Bandeira para nossa festa. Nunca tivemos uma e os meninos daquí não conhecem uma Bandeira de verdade — de pano. Já lhes falei que ia vos fazer a encomenda e êles ficaram muito contentes. Pedindo desculpas da ousadia desta, sou vossa amiga, creada e obrigada — Maria de Paula. Ps. Rogo-vos entregar a Bandeira ao portador que leva esta carta. Ele vai aí com êste fim".

Deus do Céu! Ela quer uma bandeira... ...e faz emissário especial com a incumbencia honrosa... Que fazer ? Realmente, não sei como atendê-la. Não me dão verba para tanto. A Secretaria da Educação não fornece bandeiras a escolas isoladas... Nem a Prefeitura... E quer com urgência: que vá pelo portador daquí a pouco...

Leio alto minha carta. E diz alguém:

— Você precisa mandar essa bandeira.

— Como mandar ? se não a tenho e nem sei onde buscá-la.

— Compre uma por sua conta, em último caso.

— Por minha conta ? não posso. Bandeiras custam caro. E, ainda mais: visitei êste ano cêrca de 20 escola sem bandeira... Será um precedente...

— Mas essa é a primeira que lhe faz o pedido. E' justo o que ela quer...

— Bem sei. Mas se a atendo, continuarão as cartas...

— Você é sovina. Compre uma que eu pago.

Replico enfática:

— Em nome de D. Maria de Paula e da escola rural brasileira, aceito e agradeço sua dádiva.

E vou ao telefone. Informam-me que a Bandeira nas dimensões e do material que julgo bons custa 140$. Por 70$000 obtem-se uma muito pequena.

Volto a meu ofertante: qual escolherá ?

— Ah! tão caro? Desisto. E retiro a expressão "sovina".

Não havia mesmo para quem apelar. Respondí à professora que a felicitava pela linda festa a realizar-se, demonstração de seu patriotismo; que cumprimentava os meninos pela disciplina com que se tinham uniformizado e, mesmo de longe, imaginava o garbo com que cantariam o Hino Nacional.; mas, que infelizmente não me fôra possivel obter a bandeira que queriam. Estava certa porém de que não faria grande falta: êles — professora e alunos — amavam o Brasil e tinham a imagem da Pátria dentro do próprio coração, e moravam em lugar magnífico onde viam os campos sempre verdes, o céu azul, o sol dourado — e isso é que a Bandeira simboliza... Êles tinham mais que o símbolo — o Brasil de verdade...

Não prometí bandeira para mais tarde, o que foi bôa omissão por ser sincera... E o portador levou minha carta...

Depois fiquei com pesar e com vergonha.

Pesar de haver faltado à professorinha lá da roça que se dirigira a mim, a autoridade, com fé, para realizar aspiração de educadora e de brasileira... Pesar de que a organização do ensino em minha terra, de que sou parte, seja madrasta e má para quem vive longe da cidade... Pesar mais íntimo, de minha sovinice e cobardia que não me permitiram sacrifício pessoal...

E vergonha grande da carta que escrevera, de certo ainda sob a influência dos brindes natalícios, carta tão hipócrita a embalar o roceiro com palavras negando-lhe o quinhão a que tem direito.

Minha Senhora! Permanentes todos fazem, mas uma linda ondulação permanente só é feita na

INSTITUTO LUDOWIG

Massagens, limpeza da péle, Manicure, penteados e tinturas ainda no

INSTITUTO LUDOWIG

No interesse de sua beleza use sempre os afamados de beleza LUDOWIG

RUA DA BAÍA, 1795 — TELEFONE, 1969

PARA AS ESCOLAS INFANTÍS

ATIVIDADES CÍVICAS E SOCIAIS

Mariana Carlota Mata EULÁLIO

Como já tivemos ocasião de salientar, a infância é a quadra mais importante da vida do indivíduo, no que diz respeito ao seu desenvolvimento físico e mental. Assim é que, nos primeiros anos de vida, êsse desenvolvimento se processa de maneira mais rápida que em qualquer outro, principalmente em relação ao cérebro. Quando a criança atinge os sete anos, falta apenas ao cérebro a fração de um sexto para completar seu desenvolvimento normal.

As mais importantes aquisições da infância, quer no terreno do desenvolvimento físico, quer no do mental, são feitas na idade pré-escolar, muitas das quais durante os anos em que a criança frequenta o Jardim (4 a 7 anos).

Tendo em vista essa responsabilidade, deve orientar a educação de suas crianças no sentido mais amplo do termo, proporcionando-lhes oportunidades para um desenvolvimento harmonioso de todas as suas faculdades.

Assim, no que diz respeito à educação cívica, não permitirá que as crianças saiam de seus muros para se iniciarem em hábitos e sentimentos cívicos. Ao contrário. Há de procurar, pelos métodos mais eficientes e *rigorosamente* de acôrdo com a mentalidade infantil, despertar em seus alunos o sentimento de Pátria.

Para isso, seleccionará os recursos; a comemoração das grandes datas brasileiras é dos melhores que poderá encontrar.

Exemplificando, relatarei sumariamente como nossa Escola comemorou um dos feriados nacionais — o *Dia da Pátria*.

Já em meados de agôsto era grande o movimento de preparação para o dia 7, entre as crianças. As professoras contaram-lhes, em linguagem accessível, o fato histórico que se ia comemorar, destacando somente aquilo que poderia ser compreendido por elas; mostraram-lhes gravuras, albuns, etc., deixando que manuseassem êsse material à vontade.

Em seguida, fizeram pantomima da proclamação da Independência do Brasil e, nos dias que se seguiram, dedicaram-se aos preparativos para o auditório.

Coloriram e recortaram soldadinhos na cartolina, colando por detrás um suporte, o que facilitou armar, no taboleiro de areia, uma parada em miniatura. Recortaram e armaram, em papel de côr, várias bandeiras para ornamentação da sala; outros alunos mais adiantados desenharam a bandeira brasileira e a coloriram. Alguns a fizeram em tamanho maior e, no auditório comemorativo, serviram-se delas para movimentos fáceis de calistenia.

As crianças do 3.º período, que já se interessam pela escrita, desenharam a bandeira e escreveram em

baixo — *Brasil*. Outras desenharam D. Pedro a cavalo e escreveram *7 de Setembro*. Outras, ainda, se interessaram pelos apetrechos que os soldados usam; pediram, então, à professora que lhes ensinasse a desenhá-los.

Uma professora do 3.º período registou em seu caderno de notas o vocabulário adquirido pelas crianças durante essas atividades, destacando-se, entre outras as seguintes: — cometa, espingarda, espada, baioneta, batalhão, dia da Pátria, mastro, retângulo, losango, esfera, boné, quartel, parada, Ordem e Progresso, dragona, continência.

Ornamentando as salas com as bandeiras feitas por elas, as crianças, sem o perceberem, fizeram vários exercícios de cálculo: Fulano fez duas bandeiras, Sicrano fez três; já temos?... ainda faltam muitas? De quantas bandeiras precisamos para enfeitar a sala?

Todos êsses exercícios são feitos quando há realmente lugar para êles.

A' medida que ficavam prontas as bandeiras, as crianças contavam-nas espontaneamente e diziam: D. Fulana, eu fiz tantas, Sicrano fez tantas, etc.

Na aula de modelagem executaram interessantes trabalhos de argila: — soldados, D. Pedro a cavalo, a Bandeira brasileira, etc.

As crianças de uma classe recortaram papel de seda das côres da bandeira e embrulharam balas com êles. No dia sete, traçaram sôbre a mesa uma grande bandeira e cobriram suas côres com balas enroladas em papeis da côr correspondente. Formaram, assim, uma grande bandeira em relêvo, o que muito lhes agradou.

O ambiente da Escola tornou-se inteiramente característico. Em cada classe onde se entrava, as crianças trabalhavam todas para o mesmo objetivo: — comemoração da Independência do Brasil.

REALIZAÇÃO

Finalmente realizámos no dia sete um auditório que se iniciou com o Hino Nacional cantado por todas as crianças. Seguiu-se o hasteamento da Bandeira, confeccionada pelas crianças de uma classe de 3.º período. Essa bandeira é de pano e em ponto menor, o que a torna mais fàcilmente manejável pelos alunos.

Êsse auditório foi ainda uma oportunidade para se ouvirem recitativos e hinos à Bandeira e ao soldado, bem como para realizar-se uma dramatização sôbre "Um dia no Jardim da Infância".

Nossas crianças aprendem a trabalhar com um fito e a verem em suas mãos instrumentos úteis. Por isso, as bandeiras, os chapéus de soldado anteriormente confeccionados apareceram na ginástica historiada com que se encerrou o auditório.

RESULTADOS

No dia 8 fizemos um pequeno inquérito entre as crianças para saber melhor como sentiram e interpretaram essa festa.

Obtivemos, entre outras, respostas bem interessantes, como as seguintes:

"O Brasil era de Portugal. Depois D. Pedro, que tomava conta do Brasil, recebeu uma carta e não gostou, porque os portugueses queriam muita cousa e gritou: — *In-*

dependência!" (Criança do 3.º período).

"Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil. O Brasil era dos portugueses. Agora o Brasil é dos brasileiros. Quem tomava conta do Brasil chamava também Pedro e gritou: "Independência ou morte!" (Criança do 3.º período).

"Ontem foi feriado. E' o dia da Pátria. 7 de Setembro. O Brasil era de Portugal; agora é nosso. Quem manda agora é Getúlio". (Criança de 2.º período).

"Ontem foi feriado. *Teve* parada. Parecia até aniversário do Benedito (1)". (Criança do 1.º período).

OUTRAS RESPOSTAS

A festa de ontem foi por causa da Pátria. Os soldados na parada faziam continência para a bandeira.

A Bandeira é verde, amarela, azul e branca.

O canhão e a metralhadora foram tambem. *Serve* para matar gente na guerra.

Os soldados faziam continência quando passavam perto da bandeira.

Eu gostei do colosso de motocicleta. O colégio "Arnaldo" foi de bicicleta.

Eu gostei dos soldados de branco a cavalo.

Eu gostei mais foi dos soldados de azul.

O Benedito foi de barata (Queria dizer aumóvel aberto).

*

Como vemos, a comemoração do dia 7 não foi para as crianças uma cerimônia fria, da qual tenham participado apenas como espectadores. Todos trabalharam, participaram ativamente dêsse movimento, agiram, viveram concientemente essa data e podemos assegurar que o trabalho assim realizado trouxe-lhes grande cabedal de experiências que contribuiram para seu desenvolvimento.

Não queremos, entretanto, afirmar que essas crianças tenham penetrado o sentido social e histórico do episódio da Independência, nem que o tenham aprendido em todas as suas minúcias. Nem é êsse nosso objetivo nas Escolas Infantís. Sabemos que as noções de tempo e de espaço são uma das mais lentas aquisições da infância e que essa noção se acha condicionada à "estratificação da experiência".

Por outro lado, na idade em que se acham nossas crianças, o círculo de seus interêsses não vai além do meio imediato em que vivem e as abstrações não fazem parte de suas características psicológicas.

O que esperávamos, porém, de nosso trabalho, conseguimos: — foi despertar em nossas crianças as primeiras idéias e sentimentos da Pátria, bem como inicá-las no conhecimento da Bandeira Nacional.

Assim, pudemos observar, pelas respostas ao nosso inquérito, que muitas notaram: — "Os soldados faziam continência quando passavam perto da Bandeira".

"Não se compreende ainda porque se reza, mas se ajoelha e se reza", diz Afrânio Peixoto. Do mesmo modo teremos que agir em relação à educação cívica: — a criança não compreende ainda o que seja Pátria, mas vai desde cedo aprendendo a amá-la e respeitá-la.

---

(1) Dr. Benedito Valadares, governador do Estado.

Capítulo de um livro a sair: COMO TRABALHAR COM OS PEQUENINOS").

HORA'RIOS ESCOLARES

Leonilda MONTANDON

"A escola bem organizada vem a ser como uma potência mecânica movida pelas fôrças exuberantes da infância e juventude dirigida pela ilimitada influência do mestre inteligente"

J. Baldwin

PROBLEMA difícil e complexo é o da distribuição do tempo em um estabelecimento de educação. Dividir o tempo, atendendo de um lado às necessidades do programa; de outro, à criança cujo interêsse, capacidade e fadiga temos que considerar, devendo, ainda, essa distribuição se enquadrar no curto período de quatro horas, não é tarefa fácil, requerendo do diretor e professores todo cuidado e atenção, se não quiserem ver anulados todos os seus esforços e comprometido todo o seu trabalho.

Em muitos dos nossos estabelecimentos de ensino, a direção organiza um horário geral para a distribuição das aulas especializadas (trabalhos manuais, canto, exercícios físicos, religião). Ao professor compete distribuir as diversas disciplinas pelo tempo restante. A duração das aulas varía de 25 a 30 minutos, sendo atendidas por dia 5 e até disciplinas. Conquanto flexível o horário, podendo o professor dar as matérias no momento que julgar mais oportuno, a queixa contra a exiguidade do tempo para a execução cabal dos programas é geral e justa.

Os processos modernos de ensino, as atividades auxiliares do programa não teem tido realmente maior expansão e eficiente desenvolvimento porque os nossos horários não o permitem. Como, por exemplo, pode o professor desenvolver satisfatoriamente o programa de Ciências, que demanda tempo para as observações e que exige, muitas vezes, aulas fora do recinto escolar, no espaço de 25 minutos ?

Uma reunião do Clube de Leitura, um auditório ou qualquer outra atividade, são de inegável proveito, mas absorvem um tempo consideravel, e, se não forem bem controlados e dirigidos prejudicam o aproveitamento da classe nas matérias básicas do programa. Ante tal premência de tempo o que acontece? As matérias são ensinadas pelos processos mais arcaicos (contanto que os alunos retenham algumas noções superficiais dos "pontos" dados que os auxiliem a vencer o teste no fim do ano), as atividades escolares de tão ricos valores para o desenvolvimento geral do educando se processam em geral, somente porque o regulamento o exige, sem que sejam observados nenhum dos princípios que as regem.

E o ensino continua a arrastar-

se rotineiramente enfeitado com o rótulo pomposo de "ensino ativo".

Preocupando-me com êsse problema, de suma importância para o bom resultado da tarefa escolar, experimentei modificar o horário em algumas classes mais adiantadas do Grupo Escolar A.P. da Capital. Estribada na opinião de vários pedagogos que aconselham diminuir o números de disciplinas aumentando o tempo destinado a cada uma, dei às professoras das classes escolhidas para a experiência uma nova orientação sôbre a divisão do trabalho. Ficou combinado que só fossem atendidas, por dia, três disciplinas no máximo, excluindo-se as aulas especializadas que, em geral são dadas uma vez por semana. Assim, cada aula teria a duração de uma a duas horas, conforme as atividades que as acompanhassem. Uma aula de geografia, por exemplo, encerraria as explicações da professora, a leitura nos mapas, a consulta aos livros, a confecção de albuns, a discussão de problemas propostos sôbre o assunto, a organização de monografias, excursões, etc., etc., gastando até, se necessário, todo o horário escolar.

Numa das classes de 4.º ano, a experiencia deu os melhores resultados.

Da professora regente colhi as seguintes impressões sôbre o novo horário: "Tenho observado uma sensível melhora no desenvolvimento da classe. As crianças estão trabalhando com mais interêsse e liberdade. A curva da aprendizagem tem subido satisfatóriamente nessas últimas semanas. A principio canseime bastante, mas, atribuo êsse cansaço à falta de hábito. Percebí que estava falando mais que fazendo agir a classe. Mudei de tatica e os resultados teem sido surpreendentes. O trabalho está mais concentrado e as lições estão sendo assimiladas com mais facilidade e segurança".

Essas observações tiveram a confirmação nas provas mensais que se realizaram no estabelecimento sob o contrôle da diretora e da professora técnica. A referida classe revelou um desenvolvimento mais amplo e seguro das matérias do programa.

Essa experiência veio corroborar a opinião de muitos mestres de que a fragmentação da matéria e a diversidade de assuntos que se sucedem no curto período do horário escolar impedem a necessária assimilação do assunto. Daí talvez, a surpresa de muitos professores, quando, depois de um trabalho exhaustivo, ao darem uma prova de verificação, constatam a inutilidade de seus esforços, pois os alunos revelam incapacidade na solução dos mais simples problemas, das mais elementares questões que exijam raciocinio.

Griesbach, Burgerstein, Ferrière e outros pedagogos são acordes em afirmar que a fadiga dos escolares não depende da matéria e do tempo que lhe é consagrado, mas dos métodos e processos usados pelo professor.

Em "Transformemos a Escola" de A. Ferrière, encontramos essa verdade:

"O que mata o espirito dos pequenos a fogo lento — (aquí entendo por espírito não só a qualidade do labor mas igualmente a energia nele dispendida) é a dispersão dos estudos: demasiadas matérias no pro-

grama anual, e também o fato de se dar excessivo pasto intelectual, muito cedo, a crianças extremamente novas e que dêle não teem necessidade".

Organize, pois, o professor o seu trabalho de modo a tornar os seus ensinamentos fontes vivas e constantes de prazer para as crianças. Para isso conseguir procure atender êsses pontos capitais no exercício do seu mister:

1.º) Procure conhecer bem os programas de ensino para que possa agrupar em torno de um mesmo assunto tôdas a satividades que com êle se correlacionarem. Nos programas atuais a entrosagem das matérias é profunda e as sugestões de atividades, ricas e variadas, o que permite ao professor organizar seu trabalho com grande economia de tempo.

2.º) Organize com cuidado o horário das lições, tendo por bússola o "interêsse" e não os ponteiros do relógio.

3.º) Faça seus planos diários, mas faça-os com carinho para que sirvam realmente de guia e revelem o preparo cuidadoso das lições, acompanhando-os de observações sôbre o desenvolvimento e resultado das mesmas.

No estudo inteligente dos programas de ensino e na boa organização do trabalho escolar encontrará o professor o segrêdo de conduzir com sucesso a classe que lhe foi confiada.

A escola não aproveita apenas à educação das crianças, senão que envolve em sua influência educativa o meio social em que existe: em tôrno da escola e por seu prestígio, a sociedade que a rodeia, embora sem o perceber, também se educa por ela e à sua sombra.

FRANCISCO CAMPOS

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Dr. Hilton Rocha

Livre Docente de Clinica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL

SALAS 608 A 614 - TELEEONE, 2-3171

DR. LUCAS M. MACHADO

Ginecologia-Obstetrica

RUA SÃO PAULO, 692 — TELEF. 2-1697

DR. SILVINO PACHECO

MÉDICO

DOENÇAS DAS SENHORAS - OPERAÇÕES

AFONSO PENA, 952
3.c andar

SALAS 326 a 330
Fone 2-5682

LABORATORIO VERITAS

Química e Microscopia Clinica

Drs. ALMEIDA CUNHA e E. DE SOUZA E SILVA
PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

e VIRGILIO HE'LIO MOCI
PREPARADOR DA FACULDADE DE MEDICINA

Rua Rio de Janeiro, 634 — Junto á Praça 7 — Tel. 2-3333
Caixa Postal, 169 — Belo Horizonte

SÔBRE A LITERATURA INFANTIL E SEU CONTRÔLE

Marieta LEITE

A utilização eficiente da literatura na Escola não exige da professora apenas a certeza de que seu método seja o melhor e de que o seu critério de seleção se baseie em princípios sadios de moral e de arte. Ela exige mais. Exige o contrôle do trabalho pelo efeito apanhado diretamente da criança. E' preciso que a professora procure sentir se a classe está se beneficiando com seu trabalho de literatura, ou se, pelo contrário, está sendo prejudicada em suas emoções, em seus pensamentos ou na formação de sua apreciação literária.

A professora deverá ser a perfeita orientadora da formação espiritual da criança e para isso é preciso que ela seja senhora, tanto quanto possível, das gradações mínimas que o espírito vai atingindo em seu crescimento. A sua atenção deve repartir-se entre o material literário em si, a criança e a nova mentalidade que aos poucos vai surgindo em sua classe, já como um produto da influência literária.

A eficiência do trabalho exige, em uma palavra, a verificação dos resultados. Só enquanto senhora desta verificação poderá a professora estar alerta para preencher aquí uma lacuna, atenuar alí um efeito inesperado, atender acolá a uma necessidade nova e aproveitável. No entanto, somos forçados a confessar que não se pode verificar o resultado do trabalho literário como se verifica o resultado do trabalho científico.

E' fácil, por um ou mais testes, aquilatar da capacidade das crianças em resolver os problemas matemáticos, é fácil conhecer se determinados conhecimentos geográficos ou históricos foram por ela adquiridos, se ela sabe empregar bem os tempos de um verbo e, assim, determinar-lhe o grau de desenvolvimento em cada matéria. Mas... como medir o gráu de apreciação literária da criança e, com ela, todos os valores que a literatura pode trazer?

A dificuldade é grande e por isso mesmo exige de nós maior atenção. Vamos supor que tenhamos lido à criança a poesia "Saudação à Bandeira" de D. Aquino Corrêa. Esperar, depois da leitura, que a criança conheça o poeta e o seu pensamento sôbre a Bandeira, que seja capaz de identificar essa Bandeira como símbolo da pátria, que leia e compreenda as expressões que a poesia tem para com as suas côres representativas, é pouco. E' quase nada para a literatura.

E êste quase nada é fàcilmente verificável.

Mas esperar que o verdadeiro sentimento dos versos tenha ficado

no espírito da criança, que a sua compreensão e admiração pela poesia faça-a identificar-se com ela, integrando-se de tal modo na atmosfera de arte e de patriotismo que a envolve que, mesmo depois de esquecidos expressões e poeta, alguma cousa persista ainda incorporando-se definitivamente à personalidade inmantil, é o *muito* da literatura e êsse muito, repetimos, é de difícil e incerta verificação.

Para melhor alcançá-lo a professora tem dois aspectos a encarar, dois aspectos que se completam e se corrigem para um contrôle mais perfeito. O primeiro, o aspecto concientemente provocado pela professora; outro, o aspecto das atitudes, palavras e sentimentos espontaneos da criança.

Estes aspectos se confundem às vezes de tal modo, apresentando-se juntos num mesmo trabalho ou trans formando-se um na natureza do outro, segundo as circunstâncias. Assim, vamos estudá-los dentro dos valores da literatura infantil.

Entre os mais fàcilmente verificáveis temos a contribuição ao aperfeiçoamento da linguagem. Esta contribuição se evidencia, por exemplo, nas composições.

Qual de nós ainda não sentiu, no estilo de pessôas conhecidas, a maior ou menor influência de determinadas leituras ? E ainda mais, qual de nós não sente a falta dessas leituras em composições escolares, primárias e secundárias ?

Sem copiar expressões nem construção de frases, em nossos escritos revelam-se muitas vezes autores prediletos; de outras, o nosso estilo se amolda inconcientemente pelo efeito de leituras em línguas estrangeiras. Não nos esquecemos nunca de um senhor, brasileiro, cuja linguagem interessante tinha qualquer coisa de muito particular e estranho ao meio em que êle vivia. Notamos isso mas não sabiamos explicá-lo. Tempos depois encontrámos o *porquê*: êle era um apaixonado ledor de Camilo Castelo Branco.

Se para nós, adultos de personalidade formada, a influência é assim tão frisante, poderemos supor o que seja ela para a criança que apenas tem como defêsa um esbôço indeciso de estilo.

E' por isso que muitas vezes nós nos surpreendemos, em composições infantis, com expressões que não poderiam ser da criança mas que lá estão sem influência nossa.

Temos em mãos uma poesia de menina de 3.º ano primário, onde lemos:

Naquele dia acontecia
isto que contar-lhes me apraz.

Não soubéssemos a origem do trabalho e atribuiríamos o fato à pena da professora. Mas só podemos pensar em influência de leituras.

Há dias contava-nos uma professora que um aluno seu, menino de 10 anos, revelava em todas as suas composições de aula a influência grande que sofria dos livros de Julio Verne.

Ora, o processo literário de Julio Verne dificilmente encontra aplicação em composições escolares; só uma influência profunda no próprio espírito da criança poderia levá-la a essa atitude de imaginação científica e de espírito de invesgação revelados em seus trabalhos literários.

Assim, nas expressões, no vocabulário, no espírito das composições, a

professora pode aquilatar do resultado de seu trabalho em literatura infantil. Assim como na escrita, nos trabalhos orais. Pela literatura, as crianças adquirem expressões novas e podemos dizer que essas expressões já se incorporaram ao vocabulário próprio da criança quando ela as emprega espontaneamente em sua conversação.

Ouvimos contar de uma criancinha de jardim da infância que, ao passar pela arara do nosso Parque Municipal, dissera:

Que rica plumagem!

Não cabe ao nosso trabalho de hoje mostrar as vantagens e os perigos dessa influência, mas sim apenas notar que ela existe e se evidencia na palavra da criança, quer seja oral ou escrita, onde poderá ser notada pela professora.

Em algumas classes primárias que conhecemos foi instituido o "caderninho de expressões bonitas". Nêste caderninho, a princípio com o auxílio direto da professora, depois sozinha, a criança vai anotando aquelas expressõse literárias que por mais expressivas e artistícas sejam dignas de menção.

A professora que, uma vez tendo orientado a sua classe na organização do caderninho, voltar a percorrê-lo sempre, terá um material muito próprio a indicar-lhe o gráu de interêsse e capacidade de apreciação literária de seus meninos.

Ainda trabalhos diversos podem ser usados para estas verificações. E entre outros, a *ficha*.

Não é dificil formar na criança o hábito de externar sua apreciação sôbre o livro, a história, ou a poesia que lê. Com motivações diferentes, a apreciação pode ser dada por escrito. Temos, então, as *fichas*. Nelas se evidenciam a capacidade da criança em apanhar o assunto principal do texto, o maior ou menor grau de seu gôsto literário, a impressão espiritual recebida, a contribuição da leitura para o crescimento do vocabulário.

Conhecida bem a obra pela professora, um julgamento pode ser feito da criança que sôbre ela se expressa tanto mais que termos de comparação podem ser fixados em uma mesma classe ou escola.

Em uma classe de 4.º ano de um de nossos grupos foi lido o D. Quixote, na tradução de Monteiro Lobato. Nove crianças deram a sua apreciação sôbre êle. Delas, apenas três gostaram do livro: uma achou-o engraçado, outra interessante e outra gostou *porque já o conhecia*. A opinião das seis crianças que não gostaram é quase uniforme. Tôdas dizem mais ou menos assim: "*Eu não gostei porque não entendi*".

Como sabemos, o D. Quixote, mesmo na tradução de Monteiro Lobato, requer um gráu de apreciação mais elevada para ser apreciado; e eis um meio de contrôle dessa capacidade de apreciação.

Leiamos algumas fichas sôbre livros, colhidas em uma classe primária e vejamos como dão bem uma indicação sôbre o desenvolvimento do leitor, mesmo sem especificarmos a obra.

1.º) — *Eu li êste livro e gostei muito porque é só versos de animais. Vou contar dois versinhos do livro.*

E andam sempre
caminhando,
tic tic
trabalhando...
Tic, tic

vão a andar
muito sérios
a cismar.

Recomendo aos meus amiguinhos que gostam de poesias de animais, que leiam êste livro.

Outra:

Gostei do livro a "Batalha de Aljubarrota". Os portugueses venceram os castelhanos. E o n.º de castelhanos era mais do que os portugueses, mas assim mesmo Portugal venceu.

Ainda outra:

"Eu não gostei dêste livro porque é muito enjoado. Eu achei também que não serve para criança lêr porque a gente custa a compreender".

Esta outra criança já se investe de autoridade para criticar autores e diz:

"O sr. Monteiro Lobato é um escritor muito bom para livros infantís. A "Pena do Papagaio" é dos livros melhores dêle. Eu gostei mais do pedaço que Emília disse que êle vem enrolado na toalha, porque perdeu a roupa. Eu não queria ser Emília porque ela fala muito. Não encontrei palavras bonitas, só engraçadas".

Outra ficha mostra bem o lado moral da leitura. Diz assim:

"Gostei muito do livro "Pé de Moleque e João Peralta", pois conta tôdas as suas travessuras. Tiremno, pois êle é muito engraçado e ensina uma pessôa a ser obediente com os pais".

Em muitas fichas vemos ressaltadas atitudes denunciadoras de afeto e dedicação. Vejamos êsses dois exemplos.

"OS CISNES SELVAGENS"

Arnaldo Barreto

Eu achei o pedacinho mais bonito foi êste: "Elisa teve fome. Bastou, porém, estender a mão para encontrar um balaiozinho de frutos que o irmão mais velho tivera o cuidado de lhe colocar ao lado.

Recomendo ao 2.º, 3.º e 4.º anos.

a) *Inácia Amormini.*

O livro "Animais nossos amigos", de Afonso Lopes Vieira deu ensejo a algumas apreciações interessantes.

Vejamos duas delas.

"ANIMAIS NOSSOS AMIGOS"

Afonso Lopes Vieira

Eu gostei muito do livro porque tem muitos versinhos bonitos. Eu vou lhes contar um versinho.

"Não tenho inveja de ninguem:
Nem aos passaros no ar a voar,
Nem aos cavalos saltando e galo-
(peando:
Nem aos peixinhos no mar a na-
(dar;
Não tenho inveja a ninguem, daquí
(da minha janela,
onde me sinto tão bem".

Quem fala isto é o gato.

Êste livro conta a vida dos animais em verso. Conta da abelha, do burro, do boi, dos passarinhos, do cão, etc..

Eu recomendo-o a todos os meus coleguinhas do 3.º e do 4.º e do 2.º anos.

"ANIMAIS NOSSOS AMIGOS"

Companhia Editora — Livraria Ferreira Lisbôa.

———

.. *Eu gostei muito dêste livro porque é muito bonito; foi o mais bonito de todos que eu lí até aquí; tem muitas histórias de animais. Eu gostei mais foi da história das Abelhas e foi êste pedaço que diz assim:*

Em revoadas
Continuadas
Vão revoando
Pelo caminho

E vão cantando
E vão cantando
Muito baixinho

Eu recomendo êste livro para quem gostar de ler história de animais.

a) *Arinda Bellas.*

Podemos compreender, então, como as fichas podem orientar-nos no julgamento sôbre a criança em relação ao trabalho de literatura infantíl que fazemos em classe.

As listas organizadas pela professora em colaboração com os alunos e que podem ser intituladas, po rexemplo, "Livros e leituras que já conhecemos" também representam um material precioso de verificação. A leitura que a criança, uma vez iniciada no prazer literário, faz, fora da escola e independente da indicação da professora, será conhecida desta e bem indicativa da capacidade, gôsto, interêsse e atividades de seus alunos.

Além dêsse meio mais ou menos direto, a professora experimentada vê a todo o momento, através de atitudes insignificantes na aprência, reflexo das influências literárias. A experiência infantíl que se enriquece grandemente pela literatura, torna a criança mais e mais apta a agir, a expressar-se e julgar. Sabemo-la mesmo incapaz de agir numa situação inteiramente estranha, de falar sôbre assunto totalmente desconhecido, ou julgar fatos alheios à sua vida. A experiência própria é, pois, o centro da atividade da criança. No entanto, pelo enriquecimento dessas experiências reveladas no trabalho, no interêsse e nas atitudes, enriquecimento que sabemos não ser de aquisição direta, podemos conhecer e controlar nosso trabalho em literatura.

Atitudes reveladoras do íntimo da criança aparecem constantemente na vida das escolas. A' professora cabe compreendê-las e captá-las como indicações preciosas que são para continuidade e eficiência do seu trabalho.

A's vezes, um gesto, uma palavra, uma atitude contada pela própria mãe são indicações interessantes.

Há pouco tempo contou-nos a prof. Maria Madalena Rodrigues um fato passado com sua própria filha; a criança estava habituada a ouvir histórias; entre outras, a de Pituchinha. E nunca dormia sozinha enquanto o quarto estivesse escuro.

Uma noite choramingava ela em volta da mãe pedindo-lhe que a levasse para cama, pois no quarto não havia luz. A mãe se demorava em atendê-la. De repente, a menina pára, pensa um pouco e diz:

Mamãe, eu vou dormir sozinha. Eu não tenho mêdo de escuro. Pituchinha não tem!

E foi.

Por atitudes assim claras e que

se multiplicam na vida da criança, a professora pode aquilatar do seu trabalho em literatura ou seu efeito mais profundo e mais significativo.

Se, por demais subjetivos, os maiores valores da literatura infantíl não podem ser pràticamente demonstrados, êles constumam revelar-se em feitos cujas causas a professora pode e deve conhecer. Não esperemos nem exijamos efeitos imediatos e perfeitos.

A influência literária, por isso mesmo que profunda, é lenta e cresce com a capacidade de apreciação.

Não esperemos que a bôa literatura transforme o espírito da criança, como num conto de fadas, mas tenhamos fé numa possibilidade de influência que devemos conhecer bem para contrôle no sentido de uma eficiência segura.

Assim, a escola para ser educativa, deve estar em continuidade com a vida social, de que se constitue em prolongamento e dependência, pois que se destina a transmitir pela educação os processos sociais em uso; mas, a escola, como instrumento educativo, não se limita apenas à transmissão passiva, senão que transmite corrigindo, retificando, aperfeiçoando e melhorando...

FRANCISCO CAMPOS

COMO OS DOIS MENINOS DA ANTIGA RESSACA FABRICAVAM SANGUE

Henrique Marques LISBÔA

Se perguntarmos a um aluno do quarto ano, como se forma o sangue que vai circular, êle responderá prontamente: E' formado pelos alimentos.

Isso me faz lembrar os meninos de Ressaca e eu quero saber como êles fariam sangue com o angú de MILHO.

O aluno, pensando na parte líquida do sangue, responderia logo, que êles também bebiam ÁGUA.

Sim e eu acrescentaria mais ainda, que comiam duas ou três GABIROBAS e que andavam de pernas nuas e braços expostos ao SOL.

Indaguemos então o que há no sangue, para ver se compreendemos como o ANGÚ DE MILHO, ÁGUA, SOL e GABIROBAS (ou outras frutas, mesmo do mato) podem permitir uma regular fabricação de sangue

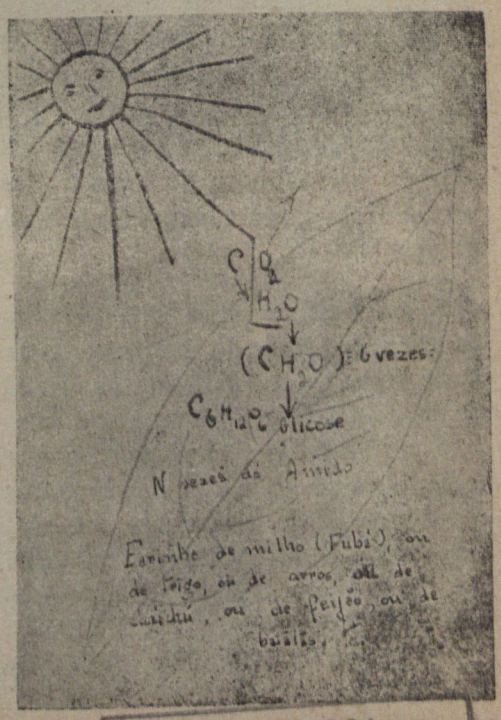
Angú de milho amarelo; *Água* cristalina da fonte; Duas ou três *gabirobas;* Sol sôbre a péle nua — *Sangue,* quase completo. (Falta um pouco de albumina animal da carne, leite ou ovos).

Nos braços e pernas nuas o SOL fabricava a Vitanima "D", nas GABIROBAS havia a Vit. "C", a PELICULA do milho é rica em Vit. "B" e a côr AMARELA do nosso milho mostra-lhe o valor quanto à pró-Vit. "A". Portanto, a questão Vitamínica do sangue dêsses meninos nada deixava a desejar.

Como iriam o MILHO, o SAL de cozinha e a BANHA do angú permitir a formação da HEMOGLOBINA dos glóbulos vermelhos e das outras substâncias que, dissolvidas, formam o PLASMA, líquido em que nadam os glóbulos.

A hemoglobina é formada de MEIA DUZIA de corpos ELEMENTARES, a saber *C.H.O.N.S.Fe.*, havendo ainda "K" como característico para o glóbulo vermelho. Essas 7 letras significam Carbono, Hidrogênio, Oxigênio, Azoto, Enxofre, Ferro e Potássio.

Glóbulo vermelho.



BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Onde vai o vegetal (o pé de milho), buscar essas substâncias para fornecê-las ao angú ?

"H" e "O" formam água (H O) e é por isso que eu insisto em que plantando e REGANDO DÁ; sem rega, isto é, sem água o pé de milho nada pode fazer.

A segunda substância é formada aproveitando-se do (CO) gaz carbônico da atmosfera. A planta arranca o CARBONO (3.º elemento) para fabricar a 2.ª substância: HIDRATO (H^2O) de CARBONO (C).

O azoto ou NITRO (N), a planta tem de buscar no adubo, nos NITRATOS. Diremos então: PLANTANDO, REGANDO e AUBANDO dá. E' com êsse azoto ou nitro que fazemos as albuminas, os tecidos moles as PROTEINAS. E' o azoto que forma a amonea mal-cheirosa das urinas fermentadas.

E o enxofre por seu turno, é o que dá o máu cheiro à carne pôdre e principalmente aos OVOS PÔDRES, formando gaz sulfídrico. E' indispensável para a grande maioria dos tecidos, como as carnes, por exemplo. A planta busca-o no estrume, nos adubos, no *humus* das terras férteis, em resumo nas substâncias pôdres.

E para completar a hemoglobina, os dois meninos de Ressaca terão de ir buscar o FERRO, na água que bebem, na água da fonte, que é também a que bebem as plantas, a que bebe o pé de milho dêsses meninos da Ressaca. E' uma quota mínima, não lhe sentimos o gosto de água FÉRREA, mas tôda a água potável (ou de rega das platas) é UM POUQUINHO FÉRREA. Se, depois de grandes hemorragias houver necessidade de muito FERRO, deve-se buscá-lo nos BIFES, principalmente de fígado e na gema de ovos.

Cada glóbulo vermelho é uma célula e tôda célula precisa de um outro elemento o POTASSIO (K), que se encontra nas cinzas das queimádas das roças ou das florestas, portanto nas cinzas dos fogões de lenha.

Os glóbulos vermelhos dos meninos da Ressaca encontram portanto no ANGÚ de milho, na ÁGUA, no SOL e nas GABIROBAS, os SETE ELEMENTOS precisos para formação dos glóbulos vermelhos.

E a parte líquida do sangue, o PLASMA ?

Para o plasma vamos precisar pelo menos de mais 7 elementos: dois, o CLORO (Cl) e o SODIO (Na), formam o sal de cozinha (NaCl). No angú dos meninos havia dêsse sal.

Dois outros formam os ossos dos meninos, são o FÓSFORO e o CÁLCIO, os quais o pé de milho extrai do sólo.

A TIRÓIDE pede um pouco de IODO e êsse metaloide é *infelizmente* escasso nas montanhas.

Parece que a HIPÓFISE precisa de BROMO e é certo que o ESMALTE dos dentes quer um pouco de FLUOR.

Estão aí sete novos elementos, mas com o MAGNÉSIO e mais um ou outro elemento, estará completo o sangue dos ressaquenses. Faltará apenas que as 7 glândulas endocrínicas, ativas nos meninos, estimulem ou embarguem a destruição dêsses elementos de modo que, em tempo oportuno, entrem em devida

ordem no organismo, dando aos meninos da antiga Ressaca o contôrno harmonioso que apresentavam, ainda não perturbado pela deficiência alimentar.

Esta, entretanto, futuramente, lhes poderá dar o aspecto mofino característico dos nossos campônios sertanejos, bem descrito por Euclides da Cunha.

O ENSINO puramente passivo e receptivo, o ensino monólogo do professor consigo mesmo, será, portanto, não somente inútil como ensino, senão educativo como processo escolar, sendo, talvez, preferível deixar a criança prosseguir nas suas experiências fora da escola a coagí-la à escola em que tais processos continuam a ser aplicados.

FRANCISCO CAMPOS.

AS CANTINAS ESCOLARES DE JUIZ DE FO'RA

Salvador Pires PONTES

As notas abaixo referem-se às cantinas escolares de Juiz de Fóra e ao seu funcionamento.

Nunca é demais encarecer um serviço de tão grande importância, desconhecido de muita gente e mal compreendido por outras pessoas que bem poderiam emprestar o valioso auxílio de sua cooperação em benefício de tantas crianças desventuradas de crescerem fracas e famintas, e o que é mais grave, — possíveis candidatas às enfermidades, ao parasitismo e ao crime.

As caixas escolares devem merecer pois a simpatia e o auxílio de todos, porque visam proteger as crianças — verdadeiras reservas de valores da sociedade.

A eficência dessas instituições sociais nos estabelecimentos de ensino primário desta cidade bem atesta o gráu de civilização da progressista e laboriosa Juiz de Fóra.

As cantinas funcionam dêsde 1935, nos seguintes estabelecimentos:

5.ª circunscrição.

Grupos Escolares: Antônio Carlos, Duarte de Abreu, Henrique Burnier, Jardim da Infancia e Escolas urbanas de Manuel Honório.

6.ª circunscrição.

Grupos Escolares: José Rangel, Delfim Moreira, Fernando Lobo e Escola urbana de Bonfim.

Nos grupos escolares existe um fogão a carvão onde é preparada a refeição suplementar destinada aos escolares.

Tôdas as instalações, exceto a do Grupo Escolar Estêvão de Oliveira, foram feitas pelo benemérito dr. José Procópio Teixeira que custeou tôdas as despesas: fogão, caldeirão, toalhas, pratos, copos e mesas. A do Estêvão de Oliveira foi feita pelo general Lúcio Esteves quando comandante da 4.ª Região Militar.

As despesas são feitas pelas respectivas caixas escolares, e a Prefeitura subvenciona as cantinas por intermédio do Serviço de Higiene Escolar Estadual que orienta essa instituição de assistência destinada aos escolares.

O alimento fornecido aos escolares tem sido feito de acôrdo com as instruções do dr. Alberto Andrés, chefe do Serviço Médico Escolar.

Consta sempre de sopa de fubá e caldo de ossos, verduras e legumes, sopa de arroz com caldo de ossos, sopa de macarrão com caldo de ossos fígado picado com papas de fubá, sopa de batatas com caldo de ossos; às vezes, mingau de fubá com açúcar, leite — um copo por semana. No Jardim da Infância e nas escolas de Manuel Honório e Bonfim, os escolares pobres e desnutridos recebem, diàriamente, um copo de leite.

No primeiro, 135 crianças são beneficiadas. O número de escolares atendidos diàriamente nas cantinas, eleva-se a 2.500.

Em 1938, foram distribuidos em todos os estabelecimentos de ensino primário 16.516 copos de leite e .. 255.187 pratos de sopa.

Em 1939, distribuiram-se 37.115 copos de leite e 292.136 pratos de sopa.

Em média, o prato de sopa custa 36 réis, e o copo de leite, 95 réis.

Quadro de crianças desnutridas nos estabelecimentos acima referidos e socorridos pelas cantinas, em 1940:

Grupo Escolar Fernando Lobo.

Matrícula 886. Desnutridos 497 (56%).

Grupo Escolar José Rangel (1.º turno).

Matrícula 701. Desnutridos 244 (34%).

Grupo Escolar Antônio Carlos.

Matrícula 1.270. Desnutridos (31%).

Jardim da Infância Mariano Procópio.

Matrícula, 500. Desnutridos, 193 (27%).

Grupo Escolar Duarte de Abreu.

Matrícula, 753. Desnutridos, 193. (27%).

Grupo Escolar Henrique Burnier.

Matrícula, 510. Desnutridos, 130 (25%).

Grupo Escolar Delfim Moreira.

Matrícula, 744 Desnutridos, 152 (20%).

Os grupos José Rangel, Delfim Moreira e Estêvão de Oliveira funcionam no mesmo prédio, no centro da cidade, sendo noturno êste último.

O Henrique Burnier está localizado em um bairro pobre (Poço Rico), mas a proximidade do matadouro parece influir na alimentação das crianças; há facilidade de adquirirem carne, ossos e vísceras; daí a surpresa de apresentar uma menor porcentagem de desnutridos, quase igual a do Delfim Moreira que está situado no centro da cidade, funciona no 2º turno e é frequentado, em geral, por crianças que vivem com certo confôrto.

Na hora da sopa, é com sofreguidão e alegria que tôdas essas crianças recebem a alimentação necessária, servida com dedicação e carinho. E' digna de relevo a atuação do dr. Alberto Andrés, chefe do Serviço Médico, que é zeloso e extraordinariamente dedicado a êsse serviço, que tantos benefícios presta ao sescolares de Juiz de Fóra.

Em 1940 foram distribuidos . . 94.065 copos de leite e 379.785 pratos de sopa.

Nos grupos escolares, além dos alunos desnutridos escolhidos pelos médicos, muitos outros, diàriamente, são mandados à mesa de refeição pelos diretores e professores.

E' inestimável o resultado alcançado pelas cantinas; melhoria de saúde, melhor frequência escolar, maior rendimento do ensino, enfim, valorização da criança — pequeno cidadão.

Entusiasta dessas instituições, é com prazer que aquilato os surpreendentes resultados de um serviço de assistência escolar de tamanha relevância, como o das cantinas escolares.

O USO DOS MAPAS

Maria Inácia de Queiroz MIRANDA

UM dos tópicos merecedores de maior atenção das professoras primárias no Programa em experiência é, sem dúvida, o que se refere à iniciação e interpretação dos mapas

Certo é que a maior ou menor aceitação que nossos alunos manifestam pelos estudos geográficos, como por outros quaisquer, depende da nossa atitude mais ou menos inteligente em relação à matéria.

E para que consigamos essa atitude sábia e construtiva, nada mais recomendável que fazermos um exame intro e retrospectivo sôbre a maneira como, na maioria, nós professoras, adquirimos nossos primários conhecimentos.

Quanta idéia absurdamente falsa, quanta impressão errônea se enraizaram em nossos cérebros e, dos quais, só com ingentes esforços nos libertámos !

Geralmente mal adquiria a criança o domínio mecânico da leitura, entregava-se-lhe o atlas e um grosso compêndio de Geografia. Nêste, eram decorados os acidentes terrestres, as denominações dadas às águas, aprendiam-se os pontos cardiais, admirava-se a rosa dos ventos...

Nada de vivo nem de real. O norte era uma coisa vaga que costumava (!) ficar no alto, nas cartas geográficas e que não sabiamos para que existia. O sul, alguma coisa contrária ao norte.

E outros e outros assuntos misteriosos e indefinidos nos eram impostos. Nada de sentido, nem desejado !

Não é nosso propósito uma crítica desapiedada à escola de outróra, pois aceitamos a sua existência, como uma fatalidade da época em que as teorias eram baseadas em abstrações, quando não se levava em conta, o desenvolvimento da compreensão da criança, por que ainda não se sabia nada do assunto.

Se fazemos essa crítica ao passado, é para que nos conduzamos melhor e com mais acêrto no presente. E' para que nos lembremos sempre, de que devemos caminhar *com* a criança, *ao lado* dela, conduzindo-a ao caminho do qual lhe venha mais luz e mais alegria !

Mas voltemos àquilo que nos propusemos comentar acima:

O uso dos mapas no ensino primário.

Comumente, passamos com muita rapidez pelas atividades que se relacionam com o local da escola (observação de acidentes geográficos, confecção de mapas e plantas, etc.).

E é isso um grande êrro, pois essas experiências, realizadas intensivamente, conduziriam nossos alunos às generalisações necessárias às futuras interpretações de mapas e plantas de que tenham necessidade de se utilizar mais tarde.

Nem levamos como devêramos,

nossos alunos a uma ligação continuada entre a realidade e o símbolo, entre a coisa representada e a representação. Eis então, o resultado negativo dêsse nosso proceder precipitado:

Passa, na mente infantil, o símbolo a tomar o lugar da coisa representada; o secundário, a ser principal; o *meio* a tornar-se *fim*.

Exemplifiquemos:

Que seja o Rio São Francisco, sua importância econômica e histórica, as regiões que êle atravessa, costumes e particularidades das mesmas, o conhecimento a ser adquirido.

Não é o processo para a aquisição dêsses conhecimentos, o que nos interessa no momento.

Um projeto, problema ou centro de interêsse; não nos importa.

O que queremos propôr é que se não faça, no correr do estudo, um uso imoderado do mapa, mas que, pelo contrário, só apareça êle em momentos oportunos. O que queremos frisar, é que não deve êle ser colocado sistemáticamente e sem exceção ante a classe, em posição vertical, como é costume. O que queremos é que se não grave *principalmente* na inteligência da criança, aquêle tracinho azul, sinuoso, em detrimento da coisa representada, viva. Da corrente impetuosa entrecortada de cachoeiras, cujas margens se prestam a esta ou àquela cultura e em cujas águas se refletem Pirapóra, Januária e cidades baianas e pernambucanas.

As narrações ricas, as gravuras expressivas, a literatura, são o que há de grande valor para estudos geográficos.

Que apareça, sim, o mapa mas para ser consultado e interpretado quando necessário. Que êle venha nos esclarecer quanto à posição da nascente do São Francisco, *em relação ao lugar em que estamos* e que mais ou menos se possa localizar também a sua fóz em *relação a determinado lugar*.

Muitas vezes nos iludimos pensando que nossos alunos sabem se orientar, por que dizem sem vacilar onde estão os pontos cardeais e colaterais no lugar e na carta geográfica.

Mas saberá êle relacionar o mapa ao ponto, ao lugar em que está ?

Se lhe perguntássemos que rumo tomaria para viajar de avião, em direção a Pernambuco, à Cordilheira dos Andes, às Guianas, partindo de onde está, saberia êle imediatamente, nos apontar o rumo certo ?

Se não o fizesse, nada para êle teria significado o mapa.

Não usaria dêle, como de um meio apto a aproximá-lo do distante, a estabelecer relações entre o que vê e sente, e o que não vê.

E assim, jamais iria à sua procura quando dêle necessitasse.

Para uma inteligênte e clara compreensão dos mapas, recomendariamos às colegas, as seguintes medidas:

1.º — Uso do taboleiro de areia.

2.º — Colocação frequente dos mapas (mesmo no 4.º ano) em plano horizontal, coincidindo os pontos cardeais da carta geográfica, com os do lugar. (De grande importância, mas pouco praticada esta medida).

3.º — Uma comparação constante das distâncias, superficies, larguras de rios, altitudes, representadas nos mapas com distâncias, superficies, etc. conhecidas da classe.

Ex.: a maior largura do Amazonas corresponde à distância que vai dêste áquele lugar, citando então a professora, lugares conhecidos da classe.

Sabemos quanto são falsas as avaliações entre as crianças, e por isso, é indispensável sempre comparar as grandezas desconhecidas pelas conhecidas.

4.º — Finalmente, uma pesquisa constante, em conversas com nossos alunos, afim de melhor conhecermos os desvios mentais, que lhes causaram nossas inhabilidades pedagógicas.

...A escola não se destina apenas a ministrar noções, mas é tambem uma forma de vida em comum.

FRANCISCO CAMPOS

ERA UMA VEZ...

Redação — Avenida Cristovão Colombo, 92
BELO HORIZONTE

•

ASSINATURA ANUAL ..... 24$000

A Revista encantadora que Vovô Felício criou para auxilio ao professor primário, apôio aos pais e delicia da criança brasileira.

A EXPERIMENTAÇÃO PSICOLÓGICA COMO MEIO DE ENSINAR AS CRIANÇAS A SE CONHECEREM A SI MESMAS

CLAPAREDE

(Tradução de Maria de Lourdes Horta)

A psicologia deve desempenhar, na educação, um duplo papel: 1.º — A psicologia da criança é necessária ao educador para selecionar seus métodos de ensino para torná-lo capaz de conhecer verdadeiramente seus alunos; não mostrarei aquí senão o fundamento desta afirmação que é hoje reconhecida por todo o mundo;

2.º — A psicologia póde ser muito útil também como meio de educação, tanto como ensinando aos alunos a melhor se conhecerem a si mesmos.

E' sôbre esta 2.ª questão, que não tem quase, eu creio, atraído até aquí a atenção dos educadores, que eu queria dizer algumas palavras.

E' bastante singular notar que, enquanto se ensina, nas escolas, a conhecer os animais, as plantas, os minerais, os fenômenos da física e da química, os mundos e os átomos, muitas outras cousas ainda, se esquece completamente de ensinar ao aluno sôbre esta máquina tão delicada, tão curiosa, que êle traz constantemente consigo, e da qual se serve a cada instante de sua vida, máquina de pensar, máquina de agir, máquina de querer, e que é o próprio indivíduo.

Mas por que é tão necessário que a criança e, de modo geral, o homem, se conheça a si mesmo?

Não é êle capaz, instintivamente, de se conduzir corretamente, sem ter necessidade de conhecer as engrenagens e as molas que o fazem sentir e agir?

A experiência mostra que a cousa não é tão fácil como parece, e como se admite habitualmente.

Olhai em derredor. Vêde muitas vezes reinar o ódio, as disputas, a intolerância, que resultam o mais das vezes da incompreensão do homem; a calúnia, a injustiça, o espírito de partido, que proveem de uma falta de contrôle sôbre seu julgamento e sôbre seus sentimentos.

A razão de tudo isso reside, em parte, no fato de que cada indivíduo conhece mal a si mesmo e aos seus semelhantes, e sobretudo das diferenças individuais que, naturalmente, existem entre os homens, a par de sua constituição particular.

Cada um crendo possuir a verdade absoluta, se julga infalível. Se os outros pensam diferentemente, não temos a idéia de perguntar se não é isto porque estão baseados diferentemente ou porque sentem diferentemente. Não. Em nome desta verdade que acreditamos possuir, nós os julgamos e os condenamos sem apêlo.

Segundo a palavra do Evangelho, vemos mais depressa a palha no

ôlho do nosso próximo que a trave que está dentro do nosso.

Se o astrônomo Maskelyne, em 1795, tivesse conhecido a psicologia, ele não teria despedido, sob acusação de negligência, seu assistente Kinnebrook, porque êste notava a passagem das estrêlas pelo meridiano com um retardamento de alguns décimos de segundo.

A descoberta, 25 anos mais tarde, da equação pessoal, por um outro astrônomo, *Bessel*, impediu a repetição do incidente desagradável como êste da despedida de Kinnebrook, que não era certamente negligente, mas de outro tipo de reações que seu chefe Maskelyne. Talvez a lógica tradicional, ensinada em todas as escolas, tenha contribuido para desenvolver na nossa sociedade culta esta aparência de espírito pedantesco, autoritário e escolástico.

Felizmente, nestas últimas décadas, uma reação começou a se fazer.

Sob a influência do pragmatismo de James e de Dewey, do humanismo de Schiller, compreendeu-se que a posse da certeza absoluta é uma quimera e que a descoberta da verdade arriscaria sempre de ser influenciada pelos motivos humanos.

Ribot chamara a atenção sôbre a lógica afetiva, que é a lógica da vida quotidiana.

No domínio do trabalho industrial, Taylor mostrou que, por instinto, o operário não tira o melhor rendimento possível de seu corpo e de seus musculos; que êle desperdiça suas fôrças inutilmente, se fadiga muito depressa, ou antes, não dá seu pleno rendimento.

E aquí chegamos ainda a esta conclusão que o homem conhece muito mal a sua máquina.

Recorro ainda ao testemunho tão curioso de um professor francês, M. Lasternas, de quem os estudos secundários ficaram prejudicados porque êle não percebeu senão com a idade de 18 anos, que era míope, e que, até essa idade, não via nunca à distância!

Será necessário citar também os acidentes que acontecem às pessoas ignorantes quando elas teem um defeito na visão da côres; os erros no desenho dos pintores que não sabem que são estigmáticos?

Êstes exemplos são suficientes para mostrar a utilidade de um ensino — ensino de todo prático, bem entendido! — tendo por objeto ensinar ao indivíduo a se conhecer a si mesmo e também a conhecer o quanto êle difere dos outros.

No mais das vezes, as experiências feitas auxiliarão a mostrar a cada um os defeitos, os erros, as fraquezas de sua máquina mental.

Mas, vendo suas próprias fraquezas, será mais indulgente para as dos outros.

Êste conhecimento de si mesmo tem 2 objetos diferentes:

1 — A psicognóstica (segundo um termo empregado antigamente por Stern quer dizer o conhecimento de sua capacidade, de suas aptidões, e de seus defeitos;

2 — A psicotécnica, quer dizer o conhecimento de suas aptidões, ou propriedades de evitar os erros.

Como faremos, na escola, para realizar êsse desiderato?

Não pretendo dar aquí indicações precisas, mas somente algumas sugestões, deixando aos educadores o cuidado de adaptá-las à pratica, como julgarem melhor.

Acrescento que, para que o aluno chegue a tirar proveito dessas experiências, deverá ter 10 ou 12 anos de idade pelo menos.

1.ª EXPERIÊCIA DE PSICOGNÓSTICO.

Um certo número de experiências poderão ser instituidas na classe, coletiva ou individualmente, destinadas a fazer a criança compreender a imperfeição de seus sentidos, de sua memória, ou de seu julgamento, e a necessidade para ela, por conseguinte, de ser prudente nas suas afirmações e de se controlar.

Mencionemos, então, todas as experiências sobre a acuidade dos sentidos (acuidade visual, auditiva, tátil, etc., sentido das côres, etc.) chamaremos a atenção do sujeito sôbre o que, eventualmente, o distingue de seus companheiros, indicando-lhe seus pontos fortes e fracos. Em seguida, tôdas as ilusões poderão dar lugar a experiências proveitosas:

Pode-se sem dificuldade fazer executar na classe a experiencía de Aristóteles (2 dedos cruzados apalpando 1 bolinha). Antes da experiência, perguntemos aos alunos, para estimular sua atenção, e lhes mostrar quanto suas afirmações as mais evidentes na aparência podem ser contraditórias pela experiência. Credes que se possa, se não temos senão uma bolinha sob os dedos, sentir duas?"

(— Certamente que não! respondem os alunos rindo-se).

A experiência do compasso de Weber é apropriada tambem a fazer compreender a relatividade da percepção.

Sôbre a nuca, sôbre o pescoço, pode-se às vezes afastar até 8 cms. as pontas do compasso sem que elas sejam percebidas duplas.

A ilusão de Muller-Lyer, que se mede por meio de 2 cartões encaixados um ao outro, de tal modo que a linha que parece a mais longa seja diminuida pouco a pouco até pareça igual à outra.

Pergunta-se então às crianças se elas estão seguras de que esta linha é aproximadamente do mesmo comprimento da outra. E elas ficarão admiradas de ver que, a despeito de sua certeza, esta linha que parecia igual à outra é objetivamente muito mais curta. E' sobretudo interessante fazer constatar às crianças quanto o que sabemos influe sôbre o que vemos.

Graças à nossa experiência da perspectiva, se projetamos sôbre um plano situado obliquamente em relação a nós a imagem consecutiva de uma cruz veremos esta cruz deformada; ela não nos parece mais ser constituida por ângulos retos.

(A causa é que, se uma cruz estivesse realmente pintada sôbre êste plano oblyquo formaria sôbre nossa retina uma cruz deformada; em virtude desta experiência, julgamos deformada uma cruz que, bem situado sôbre um plano oblíquo, forme sôbre nossa retina ângulos retos.

A experiência sôbre ilusão de pêso é bem apropriada para mostrar a fragilidade de nosso julgamento.

Apresentar à criança 2 caixas do mesmo pêso mas de volume diferente. Pedir que ela tome o peso, e dizer qual a mais pesada.

Não hesitará em designar a menor. Tomar então uma balança e

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

fazê-la constatar que são do mesmo pêso. Se a criança acha que a maior é a mais pesada, é um sinal de inferioridade mental.

Não posso passar aquí em revista tôdas as ilusões capazes de fazer refletir a criança sôbre a precisão de seus sentidos, e os erros que podem advir de sua percepção imediata. E' preciso entretanto mencionar, pois elas são ricas de ensinamentos, as experiências sôbre a fidelidade do testemunho.

O meio mais simples é apresentar uma gravura, durante 30" ou 11", e pedir em seguida que a descrevam, ou que respondam às questões relativas aos detalhes existentes na gravura.

Esta experiência pode muito bem ser feita coletivamente, prendendo a gravura à parede. Pode-se também assim pedir às crianças que desenhem de memória, ou ao lado da gravura, tal ou tal personagem ou objeto que aí se encontra representado. Os erros de testemunho são bastante consideráveis, e nada é mais instrutivo do que constatar quanto o mais fantástico de nossa imaginação invade o campo de nossa memória, para fabricá-la ou alterá-la.

Uma experiência no mesmo gênero consiste (é finalmente um jôgo bem conhecido), em dizer ao ouvido de uma criança uma frase em voz baixa, e pedir-lhe que repita ao seu vizinho; êste a repete por sua vez, e, quando a frase fez a volta da classe, tornou-se desconhecida, ou diz outra cousa diferente daquela do começo da viagem. E' inútil lembrar aquí, que lição de moral prática podemos tirar dêsse pequeno jôgo. Vemos então que a experiência póde também ser posta a serviço da educação moral! A experimentação psicológica será ainda útil, num outro ponto de vista, para fazer conhecer a cada um seu tipo mental, ou suas aptidões, em vista da escolha de uma carreira.

Far-se-ão então aplicar às crianças diversos testes de aptidão, para erigir seus perfís psicológicos. Cada um poderá ainda tomar em conta seus pontos fortes e seus pontos fracos.

2 — EXPERIÊNCIAS DE PSICOTÉCNICA

"Psicotécnica" tem infelizmente tomado nestes últimos anos um sentido um tanto especial: o sentido de tecnopsicologia, psicologia aplicada à técnica.

Tomo aquí êste termo na sua acepção original, "ação sôbre o psiquismo".

Tôda educação é uma psicotécnica.

As experiências desta categoria consistiriam em mostrar ao aluno como tirar partido de suas aptidões: como memorizar, como trabalhar, como ter atenção, como querer. E' tôda a questão da educação que se baseia aquí, e eu penso que tais exercícios experimentais desempenharão um papel importante na escola do porvir.

Infelizmente para o momento, não sabemos ainda grande cousa a este respeito, salvo talvez no que concerne à memorização, — e poderemos oportunamente, pelos pequenos exercícios, mostrar aos alunos a superioridade do método global sôbre o método fragmentário de me-

morização, assim como as vantagens que há, quando se ensina um texto, em evitar o mais possível as repetições.

Sabemos quanto, entre os operários, a intercalação de pausas de duração determinada é capaz de aumentar o rendimento do trabalho.

M. Walter achou por exemplo que proporcionando aos operários de uma usina um descanso de 5 minutos, cada 55, via-se o trabalho aumentar em proporções notáveis.

Ignoramos ainda a influência que teem as pausas sôbre o trabalho de um escolar, no período de um curso.

Um dia virá certamente em que se poderá fazer constatar a cada um, experimentalmente, qual é o regime de trabalho que melhor lhe convenha.

Entrar aquí em mais detalhes seria ultrapassar o fim a que me propus, e que era simplesmente o de chamar a atenção dos educadores para o auxílio que a psicologia experimental poderia lhes trazer para ensinar aos alunos a melhor maneira de se conhecerem a si mesmos, a melhor conhecerem também os outros, e, por conseguinte, a evitar certos erros provenientes da ignorância em que estamos o mais das vezes no modo como funciona a máquina psíquica.

E esta ignorância tem, parece-me, consequências econômicas, sociais e morais sem dúvida mais importantes do que se acredita geralmente.

PAUTAÇÃO - ENCADERNAÇÃO - DOURAÇÃO - LINOTIPIA
LIVROS EM BRANCO, OBJETOS DE ESCRITÓRIO E DESENHO - CONFEÇÃO ESMERADA E LIVROS SOB MODELO.

PAPELARIA e TIPOGRAFIA BRASIL

VELOSO & CIA. LTDA.

FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA E METAL

— AVENIDA AFONSO PENA, 740 —
CX. POSTAL, 40 - TELS. 2-3217, 2-2440 - END. TELEG. VELOCON
OF. RUA GUAJAJARAS, 1540 - TEL. 2-2507 - B. HORIZONTE

PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS NATURAIS

Monografias

Faria de Vasconcelos aconselha, entre outros ótimos processos para o ensino objetivo das Ciências Naturais, as *Monografias* e dá, para elas, à página 69 da sua *Didática*, um excelente plano que abaixo transcrevemos, na certeza de que será de utilidade para nossas colegas.

"MONOGRAFIA DE UM ANIMAL

1 — *Habitat* do animal. Particularidades do *habitat*. Porque habita de preferência êstes lugares. Como costrói e como dispõe sua habitação.

2 — Câmbio de domicílio segundo a estação, a temperatura, as exigências da alimentação. Migrações ou não. Particularidades destas.

3 — Gênero de vida do animal, isolada, aos pares ou em bandos. Razões dêste gênero de vida. Costumes do animal.

4 —Descrição do animal: aspecto, forma, dimensões, côr, etc..

5 — Partes do corpo: cabeça, tronco e membros.

6 — Alimentação: seu gênero, como a encontra, como a digere. Aparelho digestivo. Adaptação dos órgãos à função.

7 — Movimento: como se move; a sua marcha e modo de andar. Rapidez da marcha. Esqueleto. Aparelho locomotor. Adaptação dos órgãos à função.

8 — Aparelhos circulatório e respiratório. Adaptação dos órgãos à função.

9 — Desenvolvimento do animal desde o seu nascimento até a morte; cuidados com a prole; duração de vida.

10 — O animal e a natureza: o animal e as plantas: alimentação, proteção, etc. Influência do animal sôbre a flora do lugar.

11 — O animal e a natureza: o animal e os outros animais; os seus amigos e inimigos; como ataca e se defende. A sua influência sôbre a fauna do lugar.

12 — O animal e o homem: danos que causa; serviços que presta; caça e pesca; criação; seleção; utilização e transformação dos produtos do animal; processos industriais".

Adaptada a cada classe ou a cada trabalho, êste plano de monografia poderá oferecer boa orientação aos estudos de animais, pedidos em nosso "programa em experiência". Poderá ser dado diretamente à criança mais adiantada, para orientá-la em sua busca de informações, uma vez devidamente adaptado. Poderá, ainda, auxíliar a professora na seleção e discussão de tópicos a serem estudados. E, assim, quer para os trabalhos escritos, quer para os orais, a professora encontrará nêste *plano de monografia* de Faria de Vasconcelos, auxílio e sugestões de valor para o trabalho de pensamento, observação e discussão que o nosso programa de ciências preconiza.

UMA HISTÓRIA PARA TODOS

DAVID e o GIGANTE GOLIAS

Marieta LEITE

FOI no tempo das guerras entre os Filisteus e o povo de Israel, abençoado por Deus. O rei dos Israelitas chamava-se Saul.

Nos campos de Belém, apascentando as ovelhas de seu pai, vivia um rapazinho gentil e loiro, chamado David. Era ainda muito novo para ir às guerras. Seus três irmãos mais velhos lá estavam, pelejando no exército do rei Saul.

Um dia, o pai chamou David e lhe disse:

— Toma êstes pães e êstes grãos torrados e êstes queijos e leva ao acampamento de teus irmãos. Pergunta se vão bem de saúde e se não precisam de nada. Vai: êles estão no vale de Terebinto.

David, pois, levantou-se cedo. Carregou-se com as coisas que tinha a levar, confiou o seu rebanho a um guarda, e partiu. Tinha muito que andar.

David andou, andou, andou e chegou ao acampamento de Israel. Entregou aos irmãos o que tinha levado e ficou a conversar um pouco com êles, a saber das noticias para trazer ao pai.

Estavam ainda a conversar, quando, do campo inimigo, que ficava do outro lado do vale, veio vindo um homem grande como uma montanha.

Era um gigante. E vinha todo armado e revestido de bronze. Uma couraça em forma de escamas cobria-lhe o peito; as pernas, até os joelhos, estavam revestidas de bronze e um capacete, também de bronze, cobria-lhe a cabeça. A sua lança era tão grande e tão pesada que só a sua mão enorme podia levantar.

E os israelitas começaram a tremer e fugiam de mêdo.

— Quem é êste homem ? perguntou David.

— E' Golias, o gigante filisteu, inimigo de Deus e do povo de Israel.

E o gigante Golias chegou-se mais perto e começou a gritar, desafiando o inimigo.

— Eu sou Golias, inimigo de vosso rei Saul. Que vos adianta fazer uma batalha? Escolhei dentre vós um homem, o mais forte de todos, e mandai-o a combater comigo. Se êle me vencer, nós seremos vossos escravos, mas se eu matá-lo, então vós é que ficareis sendo nossos escravos. Vamos! Mandai-me um homem! Um homem que se bata comigo!

Assim gritava Golias, tôdas as manhãs e tôdas as tardes, durante quarenta dias, desafiando os israelitas.

E o rei Saul e seu povo tinham mêdo daquele homem, pois nenhum soldado havia que fôsse assim tão grande e tão forte.

E os israelitas fugiam da sua presença. E um dêles disse a David:

— Não viste êsse homem que avançou para combater? Êle veio para desafiar Israel. O homem que o matar, casará com a filha do rei Saul e receberá grandes presentes e tôda a sua familia ficará coberta de glorias e de honras.

E David disse aos israelitas:

— Mas quem é êste homem assim tão poderoso para desafiar o exército de Deus vivo ? E' 'preciso que haja alguém capaz de livrar Israel desta vergonha.

As palavras de David chegaram aos ouvidos do rei. E o rei mandou chamá-lo.

Chegando à presença do rei Saul, David lhe disse:

— Não é preciso que o vosso exército trema de mêdo diante daquele homem. Eu, vosso servo, irei e combaterei contra êle.

Mas o rei Saul disse a David:

— Tu não poderás combater contra êsse filisteu, nem vencê-lo, porque tu és um rapaz e êle é um homem guerreiro há muitos anos.

David respondeu:

— Quando eu apascentava o rebanho de meu pai e vinha um leão ou um urso e levava um carneiro do meio do rebanho, eu corria atrás deles e os feria, e arrancava-lhes a presa da guéla, e os estrangulava e os matava. Assim, eu matei um leão e um urso. Agora, eu irei combater contra êsse gigante que se atreveu a amaldiçoar o exército de Deus vivo. O Senhor que me livrou das garras das feras livrar-me-á também dos mãos dêsse filisteu.

Então o rei Saul disse:

— Vai, e o Senhor seja contigo!

E Saul foi buscar as suas armas para David. Pôs-lhe na cabeça um capacete de bronze, vestiu-lhe uma couraça e cingiu-lhe à cinta a sua espada.

Mas David não estava acostumado a andar assim. Começou a experimentar para ver se podia caminhar com o pêso da armadura. E viu que não podia. Então disse a Saul:

— Não posso levar as vossas armas, porque não sei usá-las. Vou mesmo como pastor.

Deixou as armas e tomou o seu cajado que sempre trazia consigo. Depois, passou na torrente, escolheu cinco pedras bem lisas, colocou-as no seu surrão de pastor, tomou a funda na mão e saíu.

Quando o gigante Golias viu aquele rapaz que vinha para combater contra êle, pôs-se a rir e a desprezá-lo, dizendo:

— Vem a mim, e eu jogarei as tuas carnes às aves do ceu e aos animais da terra.

David lhe respondeu:

— Tu vens a mim com espada, lança e escudo, eu, porém, venho em nome do Senhor dos exércitos, o Deus de Israel a quem tu insultaste.

Mas o gigante começou a amaldiçoar David e avançou para êle como uma fera.

David, sem temor, correu para o combate em frente a Golias. E quando estava mais perto, tirou depressa uma pedra do seu surrão, colocou-a na funda e, dando-lhe uma volta com fôrça, atirou a pedra que foi bater bem na testa de Golias .O gigante caiu por terra e então David, sem nenhuma arma, correu pa-

ra êle, tirou a sua própria espada e cortou-lhe a cabeça.

E então os filisteus, vendo que o mais valente deles estava morto, fugiram espavoridos.

E assim Israel venceu os filisteus e os israelitas sairam aclamando o nome de David.

E o rapaz pastor casou com a filha do rei, ganhou grandes presentes, honras e glorias, e, muitos anos mais tarde, quando Saul morreu, David ficou sendo rei de Israel.

A infância tem uma função psicogenética, que é se preparar para a vida de adulto: infância incompleta, homem incompleto; infância deformada, homem deformado.

FRANCISCO CAMPOS

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE, ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR STOCK DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA, COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONES, 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

O ABÔIO

O sol desfaz-se em ouro nas quebradas,
surge a lua de prata, além da serra,
nos saudosos sertões da minha terra
pelo tempo feliz das vaquejadas.

A' hora azul do crepusculo, as boiadas
veem chegando aos magotes para a ferra,
em correrias, num tropel de guerra,
nuvens de pó formando nas estradas...

Mas uma rês desgarra de repente;
no cavalo fogoso e mais ligeiro
perseguem-na a correr inutilmente...

Ouve-se o abôio no sertão inteiro...
Volta a rês ao curral pausadamente,
vencida ao som do canto do vaqueiro.

Da COSTA e SILVA

A Lenda do Cruzeiro

Do calvário, depois da horrível cena,
na noite da ascensão, Ele ascendia;
tudo, á passagem da Visão serena,
tudo, na sombra, em astros se acendia.

Como relíquias da cruciante pena,
Ele levava os cravos da agonia,
uma lágrima rubra de Maria
outra, negra de dôr, de Madalena.

Ia em êxtase Deus. Astro por astro,
nascia a Via-Látea do seu rastro
quando rolaram pela imensidão

as lágrimas e os cravos do madeiro,
transformados no signo do Cruzeiro,
iluminados em constelação.

Fontoura Xavier

A BIBLIOTECA INFANTIL "CAIO MARTINS" DO MINAS TENIS CLUBE

A compreensão acertada de que a educação das novas gerações é resultante de um complexo de fôrças advindas de diferentes aspectos 'e camadas da geração adulta, faz com que muitas entidades governamentais ou simplesmente sociais cooperem com as familias e os educandários para maior eficiência e valía da tarefa mais sublime que é dado ao homem perfazer na terra.

Em Minas esta cooperação vem se fazendo sentir de modo frisante e muitas vezes com real benefício para a vida educacional do Estado. E' o caso da Bibliotéca Infantil do Minas Tenis Clube.

Realçando, com o seu aparecimento, o prestígio que a data 19 de abril gosa entre os mineiros, a biblioteca infantil "Caio Martins", pelos princípios sadios que a inspiram, pela organização que a informa, pelo carinho que a sustém, já representa para a vida social e educacional da Capital Mineira um dos pontos de elogiosa referência e compreensiva simpatia.

O testemunho mais alto de seu valor está no crescente interêsse que vem despertando entre as crianças da Capital. As suas "Horas de História", realizadas uma vez por semana, são assistidas por uma média de 100 a 150 crianças. A bibliotecaria atende, mensalmente, a uma média de 1.500 pequenos leitores. E todos êles com sua frequência regular à biblioteca infantil "Caio Martins" — a primeira pública em nosso Estado — beneficiam-se do seu ambiente de atividade social, de gôsto e apreciação pelos livros, de amor e conhecimento das cousas da Pátria.

As datas históricas, à maneira do que se fez no "Dia do Soldado" teem programas especiais que visam implantar no coração e na inteligência de seus pequeninos frequentadores o hábito e a compreensão das atitudes cívicas.

E é assim que a inteligência e o dinamismo do Major Ernesto Dorneles e seus auxiliares fazem com que o Minas Tenis Clube desempenhe, com realce, a sua parte de influenciador direto e conciente na tarefa educacional que preocupa a todos os homens cultos de Minas.

COMO MEDIR O TRABALHO INICIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Marieta LEITE

Uma das modificações mais significativas que a nova geografia nos apresenta é, sem dúvida, a que se refere à *medida* do seu ensino inicial. Iniciando-se obrigatóriamente pela geografia local, o novo ensino tem objetivos básicos a serem visados no seu primeiro ano de trabalho, objetivos êsses que não se confundem com o conhecimento a ser adquirido.

Se no 3º e 4º anos há fatos e conhecimentos geográficos cuja aquisição seja de importância capital para o desenvolvimento do educando na matéria, no 1º ano de trabalho geográfico (geografia local) a informação geográfica própriamente dita está, em valor e significação, muito aquém de objetivos outros como sejam a aquisição da capacidade *em descobrir relações geográficas básicas* (ver cap. II), *em interpretar gráficos, mapas e plantas, em tomar os fatos do ponto de vista geográfico*.

E' que o conhecimento, por se restringir a uma só localidade, seja qual fôr o gráu de sua importância, tem influência mais limitada que os outros objetivos que visam a formação da mentalidade geografica para a continuação dos estudos.

Daí a necessidade de se dar, na medida do trabalho geográfico, mais atenção a hábitos, habilidades e atitudes que a informação pura. E em se tratando de um contrôle geral, como, por exemplo, o que é feito pelo Estado no final de cada ano, só êles (hábitos, habilidades e atitudes) importam. Isto, que à primeira vista pode parecer-nos um impecilho ou dificuldade a vencer, é, antes, um aviso e um auxílio aos organizadores dos testes finais. Hábitos, atitudes e habilidades são e devem ser gerais; informações geográficas puras são adstritas às localidades. Estas não poderiam ser medidas diretamente, a menos que o Estado organizasse um teste para cada localidade. (Talvez esteja aí *um* dos motivos pelos quais durante tantos anos não se cogitou da medida do ensino geográfico preconizado em nossos programas de 1º ano primário).

Com serem a parte mais importante do trabalho, os hábitos, atitudes e habilidades geográficos são,

ainda, e por serem gerais, de mais facil contrôle para o Estado. A êste não importa o conhecimento dos fatos geográficos estritamente locais. Êles já foram o veículo através do qual o aluno adqiuiriu o mais importante.

Mas, como medir êsse *mais importante ?* Esperamos que, uma vez voltada a atenção, e pela primeira vez entre nós, para êsse aspecto do trabalho geográfico, venham a surgir sugestões e experiências que nos possam levar a resultados apreciáveis no caso.

A técnica de organização e aplicação de testes, cada vez mais perfeita, ensinar-nos-á como medir e julgar êsses primeiros, porém fundamentais passos da criança na compreensão da geografia.

A medida da capacidade de interpretação de relações geográficas pode ser feita através de pequenos e muito simples problemas, à maneira dos que discutimos no capítulo IV. Organizados, a princípio, pela professora da classe e para a *sua classe* êles podem ser feitos, ao depois, para serem aplicados a *qualquer classe* que tenha realizado o mesmo trabalho inicial. E assim, o Estado pode servir-se dêles para o contrôle geral no fim de cada ano, desde que estejam bem determinadas as primeiras etapas do raciocínio geográfico que a criança deve vencer.

Para o contrôle da capacidade na leitura de mapas e plantas, costumamos aconselhar o emprêgo de plantas fictícias ou, mesmo, de trechos de plantas de região estranhas à localidade, devidamente adaptadas. Estas últimas teem a vantagem de livrar o professor menos experiente em cartografia, de êrros grosseiros quanto a realidades geográficas.

Em qualquer dos casos, porém, o aspecto a ser medido será: *habilidade na interpretação de mapas e plantas*. Isto exige:

a) que a planta apresentada fictícia ou adaptada) seja inteiramente desconhecida da classe;

b) que seja clara, precisa e acompanhada de legenda (em nenhum caso deve ser planta muda);

c) que se refira a relações e fatos geográficos encontradiços em tôdas as regiões do Estado.

d) que as respostas às questões exijam, exclusivamente, consulta à planta sem nenhuma dependência de outras quaisquer informações.

Nota — A planta que acompanha o capítulo V pode servir de exemplo para um teste a ser aplicado no Estado de Minas.

Como os mapas e as plantas, os gráficos, mais fáceis de serem imaginados e confeccionados podem integrar, de modo interessante e útil os nossos testes de geografia.

Feitos com dados reais ou não, devem ser, nêste primeiro ano de trabalho geográfico, muito claros e simples, sóbrio de linhas e de representações, referentes a relações e fatos de experiência da criança.

Assim obedecida a igualdade de condições, o teste será aplicável a tôdas as escolas do Estado e, o que é mais, poderá aquilatar da capacidade das crianças em cursarem o ano seguinte de qualquer escola em qualquer localidade, válidos os benefícios realmente visados, no estudo da geografia local.

(Trecho de um capítulo do livro a sair O ENSINO DA NOVA GEOGRAFIA).

A ÁRVORE VELHA

No fundo do terreiro da fazenda antiga,
que, na beira do morro,
invadida de aninga,
é uma saudade do tempo das senzalas,
há uma velha árvore estranha,
de tronco escuro e nodoso
e de flores vermelhas como o sangue.

E' a árvore, onde, outrora,
no tempo do engenho distante,
no tempo do café trepado na montanha,
no tempo da roda dagua rodando num ronco,
amarravam os escravos rebeldes.

Em tôrno de seu tronco regado de sangue
vinham estalar os botes do azorrague,
que entrava zunindo,
na carne em molambos
dos negros banzáficos.

Vai longe o tempo do cativeiro,
mas, ainda hoje, toda florescida,
na noite turva,
chovendo flores sôbre o chão,
ela parece um escravo vergastado,
parece um negro cheio de feridas,
pingando sangue!

VINICIUS MEYER

Concurso permanente de "Educando" com a cooperação do Departamento Mineiro da Cia. Editora Nacional

Está marcado para sábado, 1 de novembro, às 16 horas, na sede social da A. P. P. Minas Gerais, à rua Rio de Janeiro 1278, dois sorteios de livros, referente, um, ao número 14 de nossa Revista, segundo sua página 239 e outro referente ao presente número 15 e cuja relação damos abaixo.

Concorrerão ao sorteio todos os nossos assinantes quites. Marcando o presente sorteio para dia feriado, visamos possibilitar a vinda à nossa sede de maior número de sócios que desejem presenciá-lo. Assim, convidamos a todos os assinantes e pessoas interessadas.

No sorteio do presente número 15 entrarão os seguintes livros:

PRÊMIOS

1.º PRÊMIO	2.º PRÊMIO	3.º PRÊMIO
Noções de História das Literaturas - Manuel Bandeira - Vol. 3 da "Biblioteca do Espírito Moderno" da Editora Nacional de São Paulo.	*Introdução à Psicologia Educacional* — Noemy da S. Rudolfer — "Atualidades Pedagógicas" da Editora Nacional.	*Psicologia da Infância* — Silvio Rabelo — Série "Atualidades Pedagógicas" da Editora Nacional
e	e	e
Contos pesados - Monteiro Lobato - Editora Nacional.	*Como fazer amigos e influenciar pessoas* — Dale Carnegie — Editora Nacional.	*Contos leves* — Monteiro Lobato — Editora Nacional.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Rua da Baía, 1649 -- Fone 2-0151

Aceita dèpósitos nas seguintes contas:

Populares

Movimento

Prazo fixo

Retiradas por meio de cheques

SERVIÇO RÁPIDO E SEGURO

Garantia do Govêrno do Estado de Minas Gerais

Agências em todos os municípios mineiros

Origem: Doação
Preço: —